

6.

Conclusão

A redação da poesia do livro de Jó possivelmente ocorreu no século V a.C., trabalho de um homem de fé, da comunidade de Israel. É provável que o autor tenha lançado mão de uma narrativa já existente na tradição internacional, adaptando-a e dando-lhe uma forma final em função do contexto histórico, social, econômico, cultural e religioso em que vivia.

Sob domínio persa, a população que vivia em estado de penúria viu sua situação deteriorar mais ainda com a construção da muralha, que tirava o camponês de suas tarefas para um trabalho obrigatório. A reforma de Dario cobrando imposto em moeda de prata aumentou mais a dificuldade do pobre, que agora precisava entregar sua colheita em troca de moeda para pagar os impostos, quer houvesse ou não excedente de produção. Sujeito também ao clima que propiciava ou não uma boa colheita, o camponês pobre perdia a propriedade e se tornava escravo, ele e os familiares, do credor, por conta das dívidas.

A degradação dos pobres se contrapunha ao aumento da riqueza de parte da classe alta da sociedade. Estes últimos aproveitavam-se da situação amparados pela doutrina da retribuição que garantia que o sucesso obtido representava as bênçãos de YHWH. Uma doutrina perversa que atendia à manutenção da situação do pobre e ao egoísmo do rico.

Este cenário propiciou um conflito de lealdade entre os membros da classe alta. Dentro da classe alta, um grupo optou por continuar colaborando com as autoridades persas, ignorando o sofrimento do irmão. Nada podiam fazer contra a força do Império Persa, e a situação era um estímulo ao próprio interesse, pois a utilização de mão de obra barata ou escrava aumentava a riqueza.

No entanto, um grupo, apesar de também se beneficiar da situação, resolveu abrir mão de parte da fortuna para ajudar o irmão desafortunado, dividindo a classe alta em solidários e não solidários, chamados justos e ímpios. Os solidários desenvolveram um trabalho pastoral para sensibilizar os ímpios. Trabalharam internamente, protegendo os membros do próprio grupo, sujeitos

também às condições climáticas e econômicas da época. Externamente combateram a postura egoísta dos ímpios, nas escolas, com o tema "ímpio e fiel". Elaboraram sentenças curtas na alfabetização, em que mostravam a relação entre religiosidade e ética. Exortavam os jovens a não imitarem os ímpios. Nas celebrações litúrgicas mostravam a falta de piedade dos não solidários e como esta atitude ameaçava a sociedade, enfatizando a partilha fraterna e a consciência de que formavam o verdadeiro Israel.

Em Jó 14,13-17, o herói apresenta uma mudança de posição diante dos amigos, dirigindo-se com esperança, diretamente a YHWH. Jó 14,13-17 pode ter sido parte do trabalho pastoral da classe alta espiritualizada, diante da divisão que ocorreu na aristocracia, levando seus membros a um enfrentamento teológico, em solidariedade com o pobre desafortunado.

Em Jó 14,13-17, os verbos e a expressão “מִי יִתֵּן” dão o grau de perplexidade de parte da classe alta diante da situação dos que se degradavam mais e mais a cada dia. Ser escondido no *sheol* por YHWH, do próprio YHWH e de sua ira, representava a necessidade de um lugar para ficar quieto e longe da situação que não controlavam. O desejo é tão intenso que é reforçado por dois verbos de mesmo significado, פָּנָה e סָתַר. Não pretendiam enfrentar o poder persa, não podiam resolver o problema de todos os necessitados, então, restava ficar no *sheol* por um tempo determinado por YHWH. O tempo é para o homem de Israel uma dádiva divina, o limite entre o nascimento e a morte, a “vida” devendo ser desfrutada plenamente. A família, a propriedade, a alimentação e a saúde, também dádivas divinas, representam o viver pleno. O sofrimento era como estar próximo da morte, quase no *sheol* (cf. Jó 14,13a-c).

Jó teme ser esquecido no *sheol*, de onde não se pode voltar, precisa ser recordado por YHWH ao final de sua ira. A ira divina é causada pelos pecados dos não solidários, egoístas, que não respeitavam o direito de todos a uma vida plena, no limite de tempo (זֶמַן) dado ao homem por YHWH (cf. Jó 14,13d-f).

“Se morrer o homem, acaso viveria?” A pergunta é retórica, sabe-se a resposta, o homem é ser finito (cf. Jó 14,14a-b), aqui não se discute a ressurreição. O autor não dispõe de mais recursos para evoluir em sua reflexão e aventura-se

por um caminho desconhecido a partir de sua fé em YHWH, deseja apenas estar em comunhão com YHWH. Para se referir ao homem, o autor usa גִּבּוֹר, exprimindo sua força e capacidade de transformar.

O homem trabalha e, na sua luta, aguarda ansioso que chegue seu indulto (cf. Jó 14,14c-d). O futuro pertence a YHWH que o convocará e ele responderá (cf. Jó 14,15a-b). Os verbos קָרָא e עָנָה funcionam, no texto, como um elemento dialogal, em que o ímpio é conclamado a voltar-se para YHWH, solidarizando-se com o irmão empobrecido. Em קָרָא e עָנָה está o desejo intenso do homem se relacionar novamente com YHWH. O homem é obra de suas mãos, que sente saudades da sua criatura (cf. Jó 14,15c). O autor já não usa גִּבּוֹר, para se referir ao homem, mas à “obra de tuas mãos”, com o substantivo מַעֲשֵׂה, para afirmar que o homem é “feito” de YHWH, que precisa dele, tanto quanto o homem de YHWH.

Na concepção de Israel daquela época, o sofrimento e a miséria eram causados pelo pecado do homem. Em Jó 14,16a, no entanto, os passos do homem são contados, no sentido de um pai que vigia e protege (cf. Jó 14,16a). “Porque agora” (כִּי־עַתָּה), saído do *sheol*, o homem precisa da direção divina, pois o pecado é inerente a ele. Deseja o fim da vigilância sobre seus pecados (cf. Jó 14,16b), quer uma trégua e o “לֵא-יִשְׁמַר” significa recuperar a confiança em YHWH. Entre duas pessoas que se amam a relação nunca se rompe.

A transgressão selada no seixo “חֲתָם בְּצִרוֹר” significa garantir a felicidade futura (cf. Jó 14,17a), de modo novo e idealizado. A transgressão será posta de lado e YHWH fará o máximo para proteger o homem, branqueando sua iniquidade (cf. Jó 14, 17b). Uma pá de cal será passada sobre a יָוֹן, haverá nova comunhão entre YHWH e o homem. A relação terá nova aparência, com os pecados sob a cal, mas como numa parede pintada, ficarão por baixo da tinta para lembrar a misericórdia divina que redime, reconcilia e salva.

É possível ver na atitude tomada pelos aristocratas da classe alta espiritual o poder de transformação do homem levado pela fé e pela esperança de um mundo melhor. Foram homens que viram além da doutrina da retribuição, desmitificando o sistema de ato e consequência, corroborado pelos episódios da vida. Com a crise, foi criado um regime de caridade judaica tornado exemplo para

o mundo helenístico-romano, com o enriquecimento do debate teológico sobre a legitimidade da riqueza e da propriedade.

A obra se mostra atual. Na saga de Jó está presente Deus que protege e ama a todos, mesmo com a perplexidade diante dos que acumulam riqueza enquanto tantos se esforçam para sobreviver na escassez. Sente-se Deus quando há luta para socorrer os que sofrem. Como em Israel da época de Jó, há necessidade de a “classe alta solidária” continuar seu trabalho de resgate dos necessitados.

O tema da doutrina da retribuição também perpassou o tempo, mostrando que a história de Jó não foi assimilada. Por isso, a necessidade de trabalho pastoral para os que adotam o sistema de “troca” com Deus, da Teologia da Prosperidade, que prega riqueza material, saúde, sucesso e bem-estar, mesmo que a qualquer preço, como sinais de bênção divina, e que a infelicidade como consequência de pecados. A desestabilidade é o “porque agora” de Jó para se buscar algo que dê conta do sofrimento.